



DIRECTOR:

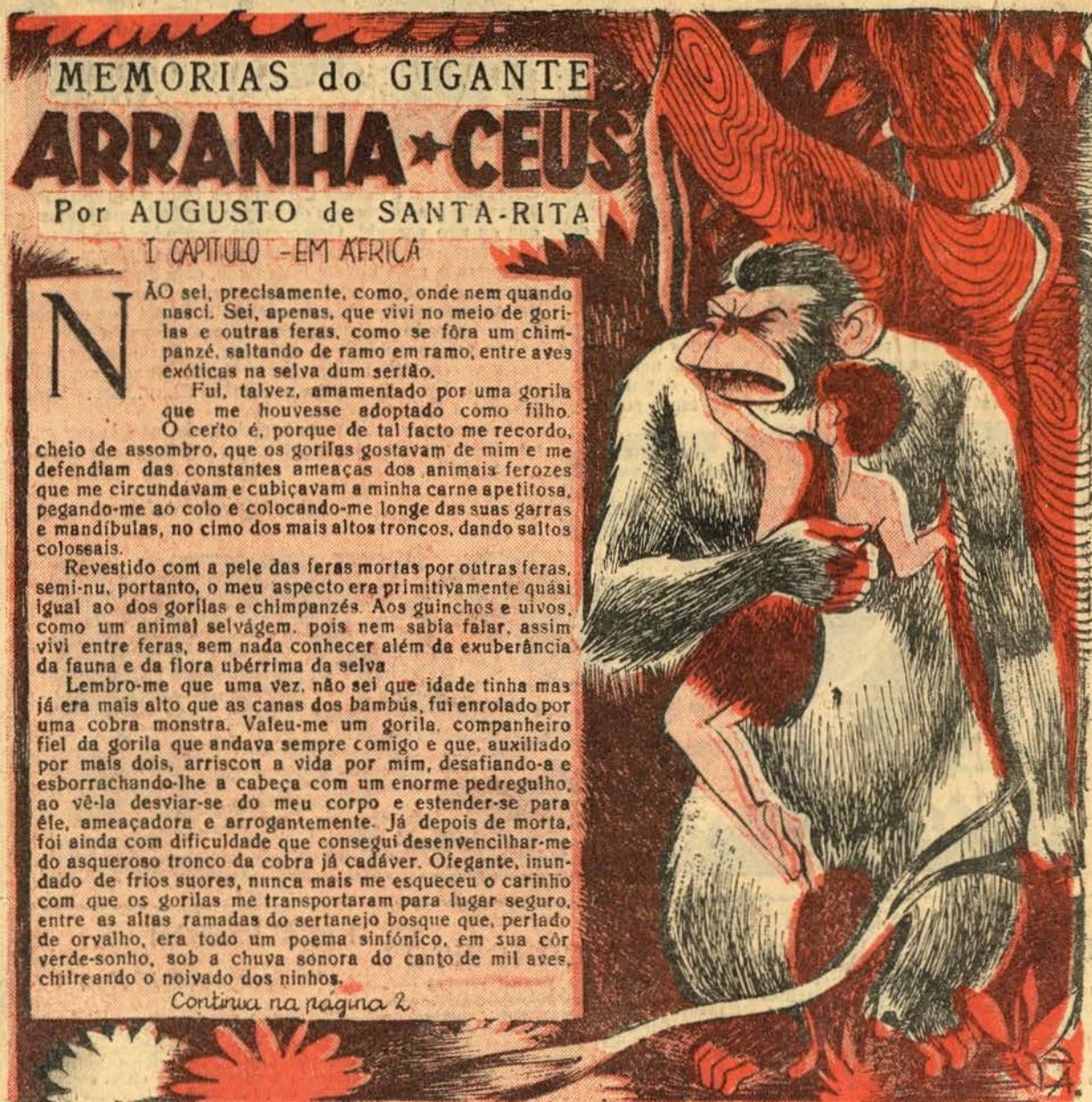
Augusto de Santa-Rita

Suplemento infantil do jornal

ANO XIV

O SEculo

N.º 696



## MEMORIAS do GIGANTE

## ARRANHA\*CEUS

Por AUGUSTO de SANTA-RITA

I CAPITULO - EM AFRICA

**N**ÃO sei, precisamente, como, onde nem quando nasci. Sei, apenas, que vivi no meio de gorilas e outras feras, como se fora um chimpanzé, saltando de ramo em ramo, entre aves exóticas na selva dum sertão.

Fui, talvez, amamentado por uma gorila que me houvesse adoptado como filho. O certo é, porque de tal facto me recordo, cheio de assombro, que os gorilas gostavam de mim e me defendiam das constantes ameaças dos animais ferozes que me circundavam e cubicavam a minha carne apetitosa, pegando-me ao colo e colocando-me longe das suas garras e mandíbulas, no cimo dos mais altos troncos, dando saltos colossais.

Revestido com a pele das feras mortas por outras feras, semi-nu, portanto, o meu aspecto era primitivamente quasi igual ao dos gorilas e chimpanzés. Aos guinches e uivos, como um animal selvagem, pois nem sabia falar, assim vivi entre feras, sem nada conhecer além da exuberância da fauna e da flora ubérrima da selva.

Lembro-me que uma vez, não sei que idade tinha mas já era mais alto que as canas dos bambús, fui enrolado por uma cobra monstra. Valeu-me um gorila, companheiro fiel da gorila que andava sempre comigo e que, auxiliado por mais dois, arriscou a vida por mim, desafiando-a e esborrachando-lhe a cabeça com um enorme pedregulho, ao vê-la desviar-se do meu corpo e estender-se para elle, ameaçadora e arrogantemente. Já depois de morta, foi ainda com dificuldade que consegui desenhencillar-me do asqueroso tronco da cobra já cadáver. Ofegante, inundado de frios suores, nunca mais me esqueceu o carinho com que os gorilas me transportaram para lugar seguro, entre as altas ramadas do sertanejo bosque que, perlado de orvalho, era todo um poema sinfónico, em sua cor verde-sonho, sob a chuva sonora do canto de mil aves, chilreando o noivado dos ninhos.

Continua na página 2



Também me lembro ainda, como se fôra ontem, de estar, certa noite de luar, nadando, com espanto dos gorilas que tinham medo da água, numa grande lagôa verde-negra, como se nela houvessem entornado toneladas de cobre derretido, e de ser perseguido por um crocodilo enorme. Os gorilas, que estavam presenciando o singular espectáculo da minha destreza, a grande prova da minha superioridade sobre eles, elevando-me à categoria de um ser estranho, um deus dos gorilas, mal viram o perigo que eu estava correndo, puseram-se a guinchar e a acocorar, em trejeitos e meneios tão cómicos que, apesar do risco que eu estava correndo, não pude deixar de sorrir, enternecido de gratidão e divertido com a comicidade dos seus movimentos ridículos.

Quando, porém, a grande bocarra do crocodilo estava prestes a engolir-me, já perto do rebôrdo da lagôa, salvou-me a circunstância do tronco duma árvore, inclinado sobre a água, ficar ao alcance da minha mão e do meu braço hercúleo, dando-me ensejo a trepar por êle aos outros troncos cimeiros.

Uns após outros, decorridos segundos, apareceram ao pé de mim os gorilas que haviam presenciado a cena, agitando as manâpulas, em sinal de regozijo por me haver livrado duma morte horrorosa e inglória.

Quantas vezes senti o deslocamento do ar, ao passar, rês-vês por mim, a figura invisível da Morte, na aproximação do perigo, entre o rugir das feras, o alarme dos meus pressentimentos, a minha força e a minha agilidade. Quantas vezes, também, me deleitei ouvindo o cachoar das águas, caindo em catadupa por escaldadas rochas, enquanto o coaxar das rãs, o silvo das serpentes e o chiar dos grilos rezingavam na vizinhança dos pântanos.

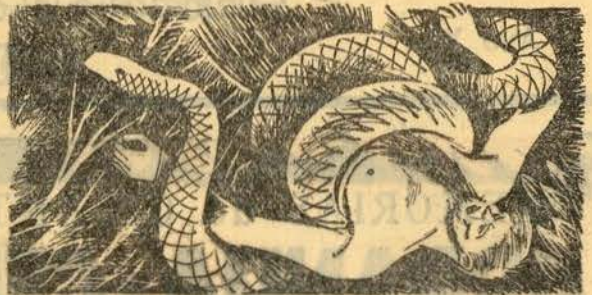
Um dia, já eu media um terço mais que as fôlhas dos bambús, do cimo de alta ramada, descobri uns seres estranhos que eu nunca vira, mais semelhantes a mim que aos gorilas e macacos. Eram da espécie humana; vim a saber, algum tempo depois, pela boca dos próprios.

Uns brancos, como eu, e outros negros como os gorilas mas de pele sem pêlos, bronzeada e lisa como a das cobras. Estes brancos ostentavam na cabeça um chapêu semelhante à casca do fruto dos coqueiros, depois de bipartida, e fatos da cor das fôlhas dos plátanos sob a luz

do luar. Os pretos traziam a cabeça descoberta e vinham quasi nus, como eu.

Eram cinco brancos, três homens e duas mulheres, e oito negros. Elas tinham o cabelo cor do sol a prumo e faces rosadas como o sol quando nasce. Foi a mais nova e por sinal a mais linda, quem me avistou primeiro e chamou para mim a atenção de todos que a acompanhavam. Chamaram-me... Desci, cheio de curiosidade e receio, do tronco onde me encontrava. Então, a gorila, que sempre vigiava os meus passos, ao ver-me descer do alto ramo e percebendo a minha disposição de acudir ao chamado, tentou seguir-me, soltando, ao mesmo tempo, um guincho aflitivo e ameaçador. Um forte estampido ecoou e eu vi, com espanto e terror, a gorila soltar-se do tronco a que subira e estatelar-se no solo, inanimada, numa poça de sangue.

Estava morta a pobre gorila que tão dedicada me fôra.



Corri para ela e dei-lhe um beijo na testa. O grupo correu para mim e amarrou-me os braços, fazendo-me perguntas que eu não percebi. Compreendi, contudo, que não queriam fazer-me mal, pelos afagos que me fizeram, principalmente a mais nova e mais linda, cuja doçura e afáveis maneiras deveras me impressionaram. Levaram-me para um acampamento onde me deram comidas que eu nunca havia provado e começaram a ensinar-me a falar. Em pouco tempo aprendi os seus nomes. Eram exploradores portugueses que faziam parte duma grande expedição colonial. Elas chamavam-se Maria e Clara. Êles:—Pedro, Manuel e Rui.

Clara era a mais nova e mais linda, aquela por quem eu tinha predilecção, aquela que me inspirava mais do que respeito, culto.

(Continua no próximo número)



OS NOSSOS CONCURSOS  
ENCONTEAI RIMAS e FIXAI CONCEITOS

Conforme prometemos na passada Quinta-feira, damos hoje a lista dos concorrentes premiados com menção honrosa:  
João Vaz de Almeida Ribeiro, António Santiago da Velga Melo Gouveia, Fernando Silvestre Murta Rebelo, Maria Atília da Silva Parralo, Maria Julia Guimarães Fisher, Zelinda Rosa Graça Ruas, Abel Car-

los Vieira da Ponte, Manuel Ascenso Pessoa da Costa, Manuel dos Santos Alvelrinho, Lina dos Santos, Alexandre Napoleão de Sousa Caratão Baptista, João José de Almeida e Sousa, Edite das Dores Vieira, Manuel Marques Brandão, Abílio Almeida e Silva e José Maria Vasques da Rocha Peixoto.

PARA PENSAR

Resposta lógica

O pequeno que levava o cestinho com maçãs à tia, cuja casa ficava para os lados do Poente, caminhava à tarde, o que logicamente se deduz pelo facto da sombra, projectada no chão, estar por detrás do pequeno e do cãozinho.



# O PINTAINHO DESOBEDIENTE

PELA MENINA MARIA DE JESUS SIMOES BARROSO  
PREMIADA NO CONCURSO:—TEMAS A PROVA



UMA colina verdejante, ao cair duma tarde muito bela e quando o Sol dava à terra um tom triste e sonhador, nessa hora em que ela, saúdosa, se cobre com denso véu preto, «D. Galinha» con-  
tara «D. Qui-qui-ri-qui».

ferenciava com seu filho «D. Qui-qui-ri-qui».

— «Compreende bem, minha mãe, — (dizia o filho na sua rude língua gem), — que, tendo eu esta idade, não posso viver, só, neste pequeno espaço de terra. Que ro subir até



à montanha; quero respirar esse ar puro e são que nela se goza.»

— «Mas filho, — (volvia a mãe) — tu não sabes a que perigo estás exposto, praticando essa leviandade? Já não gostas de mim, porventura?»

— «Gosto de si, sim, mas vê de: sou novo, corre-me nas veias o sangue moço; acaso não poderei admirar, com ternura, esse campo matizado das flores mais raras, que em nossa frente se estende, essas árvores, a cuja sombra eu gostaria de dormir um sono tranqüilo e de sonhar um sonho cor de rosa, cheio de fantasia e ilusão? Adeus mãe. Eu parto. Até à volta.»

E partiu, deixando a pobre «D. Galinha» lavada em lágrimas e prestes a sucumbir pela dor que a devorava.



Andando por essas searas adornadas de papoilas vermelhas, quais faces de gentis moçoilas mondadeiras, com a sua trouxinha às costas, caminhava deslumbrado por esse «Mundo Novo.»

A lua estendia pelo campo os seus reflexos prateados, dando a tudo um ar melancólico e belo.

«D. Qui-qui-ri-qui», extenuado pela intensa fadiga que o dominava, deixou-se cair sobre um maceio de tenras ervinhas.

«A nascer do «Astro Criador» acordou. Mas... — pobre dêle! — ao cabo de três, passos dados, viu, por detrás dumas sebes, surgir a cabeça duma mãeira raposa que, com a língua de fóra e os olhos cintilantes de alegria por poder fazer mais uma vítima, o olhava sinistramente. Horrorizado estacou.

E assim ficou, por dois segundos, petrificado, tiritando de medo. Mas, num arranço de coragem e recobrando todo o ânimo que pouco antes o abandonara, conseguiu fugir e lograr, astutamente, o fero animal.

Fugindo, sempre fugindo, foi cair exausto de forças junto à mãe. E a ela contou o susto por que lhe fizera passar a sua desobediência.



## ANEDOTAS INFANTIS

### ENTRE PATRÃO E EMPREGADA NOVA

— «A senhora pretende um ordenado elevado demais para quem tem tão pouca prática.»



— «Então?! Não vê o senhor que o trabalho é mais custoso de fazer para quem não sabe?»

### ENTRE UM POLÍCIA E UM MOTORISTA

Polícia: — «Que velocidade doida é essa pelas ruas duma cidade?»



Motorista (atrapalhado): — «É... é... é que os travões não estão bons;

têm qualquer coisa escangalhada e eu queria chegar a casa o mais depressa possível, antes que qualquer fatalidade me acontecesse.»

### ENTRE MÉDICO E DOENTE

O médico: — «A sua doença, caro senhor, é uma doença nova que vem enriquecer a medicina.»



O doente (afilto): — «Valha-me Deus! Mas o sr. doutor tinha-me dito que me levava apenas cinquenta escudos!»

★  
Como este pinto, somos nós, as crianças.

Mas porque não havemos de ser bons e obedientes?

Há lá melhores conselhos que os dados pelas nossas mãezinhas? Não são elas as nossas doces conselheiras, aquelas que nos encaminham nesta espinhosa estrada da vida? Não foram elas quem nos embalou suavemente o berço?

Corrigi-vos, pois, amiguinhos, e não queirais ser como «O Pintainho desobediente.»

LÊR NA PAGINA 8;

GRANDES AVENTURAS DO  
CHICO MACACO EM ÁFRICA





# COMO a RAPOSA ENGANOU o LOBO

CONTO DA TRADIÇÃO ORAL por M. F.

**A** vida corria mal para a raposa e para o compadre lobo. Não havia maneira de nenhum cordeiro ou galinha travar relações com os seus buchos esfo-meados.

Malfadada sorte! Uma noite, o compadre lobo aventurara-se

objecto comprido que fez lume, a que se seguiu um estampido:

— «Pum!»

A bala apanhou-o de raspão e, se não fôsse a senhora raposa lambar o ferimento e lavá-lo na água do regato, não sei o que resultaria.

Uma tarde, ao lusco-fusco, o lobo teve sorte. Apanhou um coelho nédio e ro-



comadre. Esta, que estava a preparar-se para ir à caça, ficou satisfeitiíssima. Mas, com a sua partida fígada, lembrou:

— «Ó compadre, você já hoje manducou um coelho. Eu tenho, também, o estômago confortado. Se nós guardássemos o carneiro para os dias em que passássemos fome?»

— «Está bem, comadre; enterremo-lo nomato e deixemos-lhe uma perna de fóra para o encontrarmos mais facilmente. E amanhã vou chamá-la para irmos despachar este petisco.»

O lobo assim fez. No meio dos arbustos enterrou o carneiro e, terminada a tarefa, voltaram os compadres para as suas respectivas tocas. Porém, a manhosa, assim que viu o lobo pelas costas, foi desenterrar o carneiro e comeu até fartar. Enterrou o resto, deixou-lhe a perna de fóra e voltou para casa.

No dia seguinte, o lobo foi bater à porta da raposa:

— «Então, comadre, vamos ao mato?»

— «Não, compadre, hoje tenho o baptizado dum filho da Coruja.»

— «Que nome lhe pôes?»

— «Principio» — respondeu a ladina.

O crédulo lobo regressou ao covil. No outro dia, ao romper do sol, voltou a bater à porta da raposa. Esta desculpou-se:

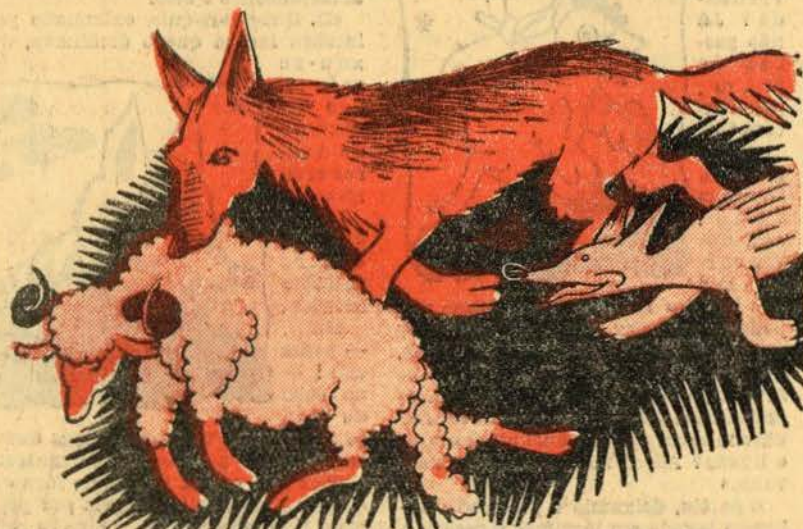
— «Não posso ir. Baptiza-se, hoje, o filho do compadre Sardão.»

— «Como se vai chamar?»

— «Meio» — retorquiu a finória, prontamente. — «Amanhã lá estaremos, sem falta.»

Claro está que a raposa tinha voltado a comer o carneiro, nessa noite.

(Continua na página 7)

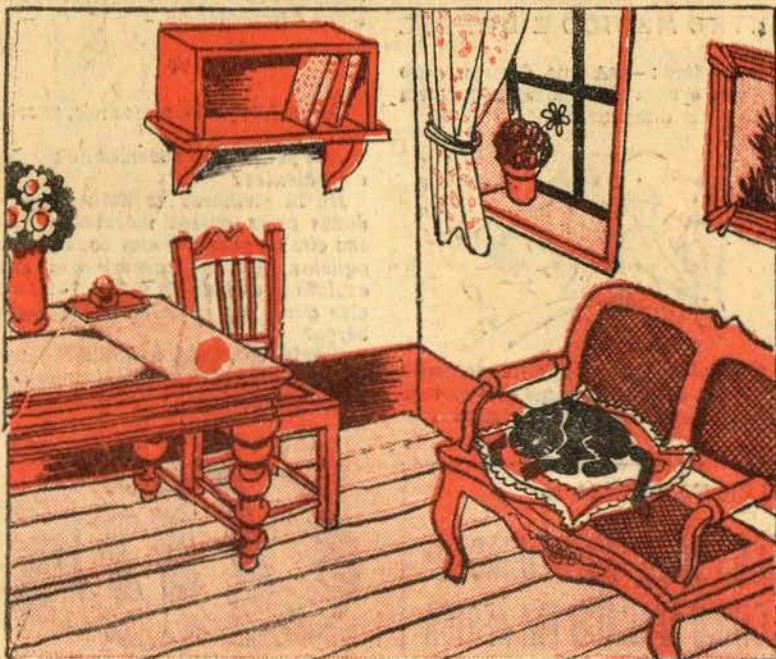


a roncar certa copoeira, cheia de aves gorduchinhas, que lhe faziam escorrer a baba dos beiços. Mas um galo dera em alarmar a vizinhança e, duma janela, o senhor cura pôs à cara um

lico e quando o Zé Malorai ia a passar com o gado, saiu, cautelosamente, de entre as moitas e filou um carneiro que levou para o covil.

Após a chegada, foi bater à porta da

## A SALA ARRUMADA





PERGUNTINHAS  
DE ALGIBEIRA

O CAVALINHO  
DE PASTA

**D**ERAM ao Chiquinho, um dia, um cavalinho de pasta, bela estampa e cuja casta era da melhor que havia. Mas, uma vez, a madраста castigando o pequenito, zangada, disse-lhe: — «Basta de brincar com tal «bonito»!

E sôbre uma papeleira que quatro gavetas tinha, foi depô-lo, de maneira que ficasse a brincadeira longe da sua mãozinha.



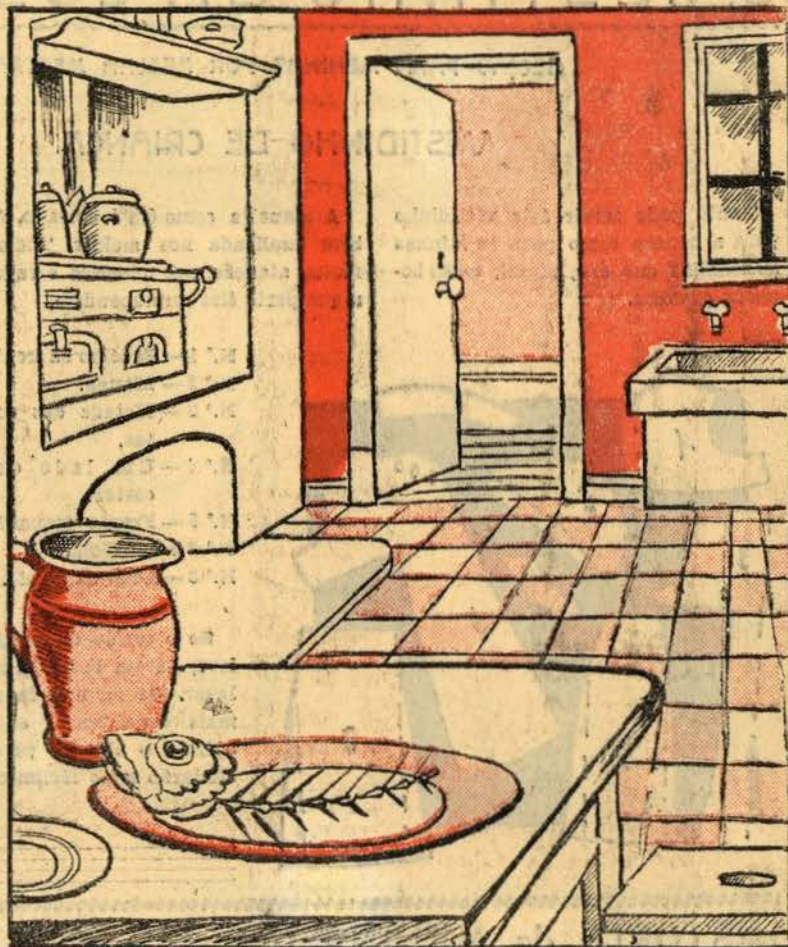
Não existe na salinha nem, sequer, uma cadeira.

Mas decorrida uma hora, vendo o arzinho infeliz do enteado, a senhora, já disposta a perdoar, benêvolamente diz, para bem avaliar a esperteza do petiz: — «Eu só o deixo ir brincar, escute bem, ó Chiquinho, se fôr capaz de encontrar a maneira de tirar do seu poiso o cavalinho.»

Que há-de fazer o menino para alcançar o brinquedo?

Responda quem tiver tino e demonstre não ter medo dos obstáculos que, cedo ou tarde, achará diante...

DETECTIVES À PROVA



O «Pim-Pam-Pum» põe hoje à prova os seus numerosos amiguinhos como detectives amadores. Observem bem o desenho acima e digam-nos que especie de larápio terá assaltado esta cozinha e qual o índice do roubo.

O Menino, a bola e a barrica

(Solução do número anterior)

Para a bola retirar do fundo da barriquinha, bastava abrir a torneira da mangueira; de maneira que ela, ficando a boiar, ao de cima logo vinha; e o bebé, com a mãozinha, já a podia alcançar.

Porque, em suma, pelo dedo se reconhece o gigante.

Na próxima quinta-feira o que não adivinhar, aqui verá a maneira do Chiquinho o alcançar.





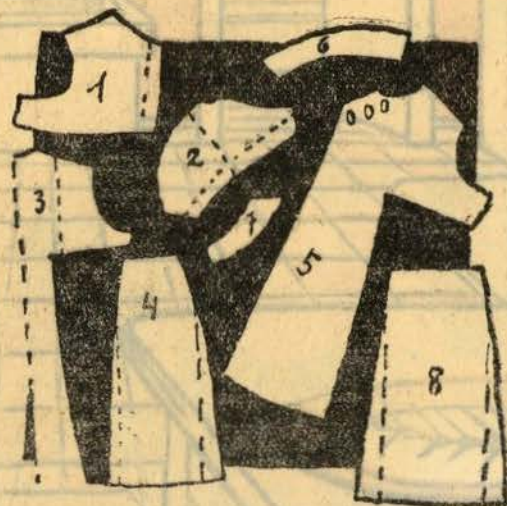
# O CESTINHO DA COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS POR ABELHA MESTRA

## VESTIDINHO DE CRIANÇA

Tanto pode servir este vestidinho para a boneca como para as minhas abelhinhas que são, afinal, umas bonecas grandes.

A maneira como ele é cortado, vai bem explicada nos moldes. Tomem muita atenção nos números e vejam a que parte eles correspondem.



- N.º 1 — Espelho da frente.
- N.º 2 — Manga.
- N.º 3 — Metade das costas.
- N.º 4 — Um lado das costas.
- N.º 5 — Frente esquerda.
- N.º 6 e 7 — Gola.
- N.º 8 — Lado da frente.

Se o tecido do vestido for muito leve, devem bordá-lo com *filoselle* de lavar. Se for uma fazenda um pouco mais consistente, então já podem aplicar o algodão *perlé* com o qual bordarão mais facilmente.



## HISTORIA da MENINA INFELIZ e do seu cão «FELIZARDO»

FOLHETIM INFANTIL por MARIA DOS MILAGRES

(Continuado do número anterior)

Quando a Joanninha lhe tirou a última compressa, a fera levantou-se e, abrindo a enorme bocarra, deu-lhe uma enorme dentada num braço.

Joanninha, desfalecida com a dor, mal teve tempo para segurar o «Felizardo» que queria atirar-se ao lobo e saiu a correr da caverna.

Chorando, a pequenita lá cuidou do braço o melhor que pôde, ainda mais magoada com a ingratidão do lobo do que com a sua dentada.

Mas bem depressa a dominou a alegria de ter curado o animal, que já não sofria mais e que poderia voltar à sua floresta.

Passaram-se alguns dias e a dentada do lobo fechou, deixando uma pequena cicatriz.

Joanninha continuou a sua jornada através da mata, acompanhada sempre pelo «Felizardo». Alimentavam-se de frutas silvestres e aqueciam-se com a rama de pinheiro que juncava o chão.

Uma tarde, chegavam eles a uma clareira, quando se ouviu o tropel de vários cavalos e um toque de trombetas.

Muitos cavaleiros surgiram, vindo à

frente um jovem ricamente vestido mas de aspecto alto e doentio. Ao ver Joanninha e «Felizardo», o mancebo estacou o cavalo, perguntando:

— «Quem és tu, pequena?» E a quem pertence esse lindo cão?

— «Sou a Joanninha e este é o «Felizardo» — respondeu a pequena.

— «Que nome tão patusco e que belo animal!» — disse o rapaz. «Queres vender-mo?»

— «Não, meu senhor; este animal não é para vender — tornou Joanninha. — É o meu companheiro e único amigo.»

— «Dou-te um cofre cheio de dinheiro por eles» — continuou o jovem.

— «Nem que me desse três, trezentos, três mil cofres eu o venderia, meu senhor» — disse Joanninha.

— «Es uma insolente?» — exclamou o mancebo encolerizado. — Fica sabendo que eu sou o filho do rei deste país e que não admito que me contrariem. Tenho o maior interesse em possuir tão belo animal e hei-de tê-lo.

Antes que Joanninha pudesse defender-se, sob as ordens do príncipe, muitos cavaleiros desmontaram e se apo-

deraram de «Felizardo», que se fartou de distribuir dentadas sem, no entanto, conseguir soltar-se das mãos dos homens.

Foi içado para cima dum cavalo e depressa os cavaleiros se sumiram, ficando o pobre Joanninha a chorar amargamente a sua desdita.

Estava abandonada de todo! Sem o fiel amigo de toda a sua vida, que iria ser dela?

Pôs-se a andar ao acaso até que, exausta, tombou à beira dum medonho abismo, sem o notar, e prestes a precipitar-se nele ao menor movimento que fizesse.

Ora, como depois de se fazerem maldades vem sempre o remorso a moer as pessoas, aconteceu que aquele homem a quem a Joanninha tinha dado de comer e que lhe roubara a roupa, ao chegar a casa se arrependeu do que tinha feito. Aquela pequenita fora tão boa para ele e, afinal, pagava-lhe roubando-a! O homem pôs-se, então, ao caminho, para encontrá-la e foi andando, andando, até que viu um enorme lobo





## A ARMAÇÃO PARA O TEATRO DOS FANTOCHES

Vê-se a forma de fazer a armação (A) e também a maneira, ou antes a posição, que o «operador» deve tomar para exhibir os bonecos. É claro que, depois, uma cortina tapará a dita armação em volta.

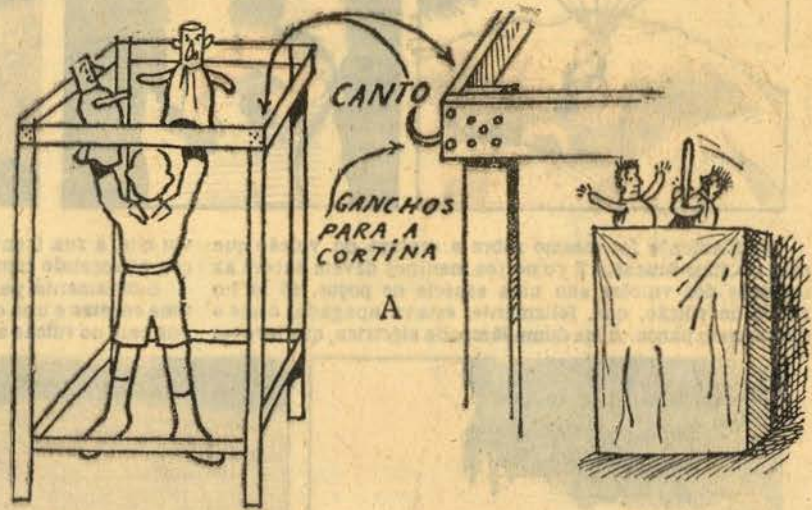
E pronto. Está no fim a parte referente aos fantoches que, segundo creio, ficou suficientemente exposta.

Eis um alvitre:—Em muitas e muitas aldeias de Portugal, não há cinema nem sequer teatro. Não seria uma boa ideia fazerem, entre os rapazes da terra, um teatrinho de fantoches?

Os leitores do «Pim-Pam-Pum» que tiverem um biombo, podem pô-lo a substituir a armação, caso a não queiram fazer.

E agora atenção! No próximo número:

A primeira peça para o TEATRO DOS FANTOCHES.



que corria através do bosque com um lobinho pequeno nos dentes.

— «Eh, lobo, onde vais?» — perguntou o homem.

O lobo (esta história é passada no tempo em que os animais ainda falavam) respondeu, depois de ter pousado o lobinho no chão:

— «Vou procurar uma linda menina que me curou e a quem eu dei uma dentada. Levo-lhe o meu filho mais novo para lhe testemunhar a minha gratidão e arrependimento.»

— «Eu também» — e o homem contou a sua história.

Seguiram os dois juntos à procura de Joanninha e, por fim, encontraram um mancebo muito bem vestido, a cavallo, levando no dorso da sua montada um grande cão.

— «Quem são vocês e onde vão com tanta pressa?» — perguntou o rapaz. Eles contaram-lhe ao que iam e o mancebo disse:

— «Pois também eu vou à procura da pequenita a quem tirei este cão para lhe pedir que me perdõe e para lho restituir. Vou com vocês.»

Assim continuaram os três, sem suspeitarem que procuravam a mesma pessoa, até que «Felizardo» começou a ladrar alegremente, dando mostras de notar a presença da dona ali perto.

De repente, viram Joanninha deitada à beira do abismo e gritaram todos à uma:

— «Lá está ela!»

Logo se precipitaram os três. O lobo, mais ágil, chegou à beira do abismo e puxou-a cuidadosamente da borda, o homem ergueu-a nos braços fortes e o príncipe cedeu-lhe o seu rico corcel.

Joanninha abriu os olhos e ficou espantada. O lobo pôs-lhe no colo o lobinho e lambeu-lhe as mãos, pedindo-lhe perdão. O homem abraçou-a e beijou-a e entregou-lhe o saco roubado e o príncipe apresentou-lhe o «Felizardo», de coleira de ouro, que saltava à roda do cavalo, ladrando de alegria.

Joanninha que, por ser boazinha, já há muito perdoara a todos, abraçou-os e pôs-se a chorar, de contente que se sentia.

Todos três queriam levá-la com eles. O homem partiu para a sua choupana, o lobo para a caverna e o príncipe para o palácio. Por fim, compreenderam que era com o último que ela devia ir e ficaram muito tristes por deixá-la.

Joanninha prometeu, então, que havia de ir visitá-los e lá se foi muito feliz com o «Felizardo», com o príncipe e com o lobinho.

Tinha sido recompensada a sua muita bondade e desde então nunca mais «Felizardo» ladrrou, quando a sua dona ia cumprir alguma boa acção.

E assim acabou a história da menina infeliz, que ficou felicíssima e do seu cão «Felizardo».

## Como a raposa enganou o lobo

(Continuado da página 4)

Ao terceiro dia, o lobo, cheio de fome, a custo se conseguiu arrastar ao covil da finória. A raposa estava na cama, com um lenço amarrado à cabeça.

— «Está doente, comadre?»

— «Sim, mestre lobo. Estou mal, muito mal. Tenho uma doença terrível...»

— «Que doença é?»

— «O doutor Texugo disse que era o fim. Sinto-me muito doente. Mas vá ao mato e coma o carneiro.»

Quando o lobo lá chegou, já o carneiro estava todo devorado. A raposa, nessa noite, apenas deixara os ossos.

Ficou furioso e, chegando a casa da raposa, lamentou a sua sorte, mas a matreira, fazendo-se muito indignada, injuriou-o:

— «Saia da minha vista, seu guloso. Você comeu o carneiro todo, sem ao menos guardar uma perninha para eu fazer um caldo, e vem, agora, lamuriar-se. Suma-se e nunca mais me apareça à porta. Vá, rua!»

Vexado, o lobo abandonou aqueles lugares e nunca mais se ligou a raposa que, desta vez, o enganara com a sua grande esperteza.

FIM



# GRANDES AVENTURAS de CHICO MACAÇO

## EM ÁFRICA—

(Continuação do número anterior)

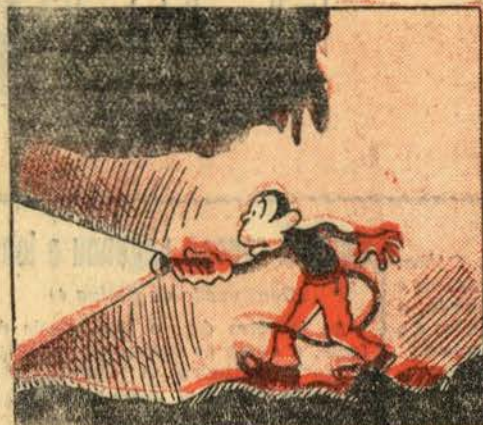
POR TAVARES PINTO



Infelizmente foi mesmo sobre a cratera do vulcão que caiu o Chico Macaco. E como (os meninos devem saber) as crateras dos vulcões são uma espécie de poços, só lá no fundo do vulcão, que, felizmente, estava apagado, é que o nosso herói parou. A luz duma lâmpada eléctrica, que levava,

viu que, a sua frente, se abria uma galeria pela qual começou avançando com todas as precauções.

Subitamente parou, aterrorizado; a lâmpada alumina uma caveira e uns ossos esbranquiçados. Algum desgraçado que caiu no vulcão e que, talvez, por não encontrar saída, ali



morreu de sede e de fome. Bonita perspectiva de futuro tinha o macaquinho, não haja dúvida.

Limpando o suor, que lhe perlava a fronte, continuou a

avancar... De repente, parou. O que ele receava dera-se Terminara ali a galeria.

Ao mesmo tempo descobriu, a um canto, uma velha arca



e, quando a abriu, viu, com grande alegria, o tesouro que procurava.

Mas, no mesmo instante, ficou acobrinhado. Não via possibilidade de salvação e recordava-se, apavorado, dos

ossos que encontrara na galeria, a que os seus, — quem sabe?! — iriam fazer companhia...

(Continua)